



RENOVAMENTO CARISMÁTICO CATÓLICO
DIOCESE DO PORTO

CAMINHANDO

NEWSLETTER - EDIÇÃO 26 JULHO 2013

O Sacramento do Matrimónio



“A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão total de vida, recebe a sua força e vigor da própria criação, mas para os cristãos é elevada a uma dignidade ainda mais alta, visto ser enumerada entre os sacramentos da nova aliança.”... (cont. pág. 2)

O Sacramento da Ordem



“Sejam colaboradores generosos da Ordem episcopal, a fim de que a mensagem do Evangelho se propague até aos confins do mundo e as nações, congregadas em Cristo, formem o povo santo de Deus.”... (cont. pág. 4)

DESTAQUES

- A Luz da Fé: A encíclica do Papa Francisco
- O Sacramento do Matrimónio
- O Sacramento da Ordem
- Papa Francisco fala para todos os que estão em caminhada vocacional
- O Nosso Grupo...
- Pai Nosso Meditado...
- Cantinho do Leitor
- A Não Esquecer...

A LUZ DA FÉ: A ENCÍCLICA DO PAPA FRANCISCO

Era bem esperada uma encíclica sobre a fé, ainda no pontificado de Bento XVI. De fato, ele já havia escrito uma sobre a caridade (*Deus caritas est* – Deus é Amor) e uma sobre a esperança (*Spe salvi* – Salvos na Esperança). Faltava uma sobre a fé, para completar a trilogia de ensinamentos pontifícios sobre as virtudes teológicas, dons preciosos recebidos de Deus no Batismo.

E foi o Papa Francisco quem nos deu a encíclica *Lumen Fidei* (A Luz da Fé), sobre a fé, bem no decorrer do Ano da Fé. Ele mesmo, no entanto, já havia dito, quando anunciou há poucas semanas, que seria uma encíclica “escrita a quatro mãos”, uma vez que seu predecessor já havia trabalhado, antes de abdicar ao pontificado, em vista de sua publicação.

A encíclica nos vem, não apenas para a melhor vivência do Ano da Fé, mas para compreender e viver melhor a própria fé. Não é um texto para ser analisado com mera curiosidade intelectual, ou com o intuito de fazer uma análise teológica sobre ele; seria muito pouco. Bem mais, ele deve ser lido e degustado com o desejo de compreender e acolher cada palavra dita com amor de pai por quem fala com a sabedoria adquirida ao longo de uma existência e com o desejo de comunicar coisas essenciais à vida dos filhos...

É interessante notar que o Papa não fala da fé a partir das “verdades da fé”: o primeiro capítulo traz o título – “acreditamos no amor”. Nosso ato de fé é precedido pelo amor de Deus, que se manifesta ao mundo e nos faz experimentar seu amor salvador; a experiência do amor precede a fé! Não é também isso que acontece entre as pessoas? Quando duas pessoas se amam verdadeiramente, elas passam a acreditar profundamente uma na outra...

É o que já ouvimos do Papa Emérito Bento XVI em outras ocasiões: nossa fé e nossa experiência religiosa não decorrem de uma doutrina perfeita, nem de um ideal ético altíssimo, mas do encontro com a pessoa de Deus, amoroso e fiel, que se revelou, veio ao nosso encontro e nos amou. É a isso que o Papa se refere quando fala, na encíclica, sobre Abraão, nosso pai na fé, a experiência histórica e mística do Povo de Israel, a vinda do Filho de Deus ao mundo e a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

“Ele me amou e por mim se entregou na cruz”, exclama São Paulo, depois de fazer a experiência do encontro com Jesus Cristo no caminho de Damasco; sua fé foi vivíssima e inabalável porque experimentou o “mistério” do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus. Para os apóstolos e para os grandes cristãos, que foram e são os santos, falar da fé não significou tratar de verdades abstratas, bem elaboradas pela razão humana; eles falavam, antes de tudo, da pessoa de Deus e de Jesus Cristo, de sua ação envolvente, especialmente de seu amor misericordioso e de sua providência. As verdades da fé e da moral, também elaboradas bem como doutrinas, seguem depois disso.

A encíclica fala, no capítulo 2º, que é preciso crer para compreender; de fato, a fé é um dom sobrenatural, que nos é dado como luz forte, que nos faz perceber melhor aquilo que queremos compreender. É o contrário do que, geralmente, as pessoas imaginam: não é “ver para crer”, mas “crer para ver”. Na ordem da fé, podemos dizer: quem crê compreende mais e melhor. Não é que a fé dispensa o esforço da razão e o estudo: fé e razão completam-se e não devem ser opostas, nem tidas como excludentes.

Um belo capítulo trata da transmissão da fé: esta é uma das preocupações sérias da Igreja em nossos dias. O Papa fala que a Igreja é “a mãe da nossa fé”. Esta não é um fato individual e subjetivo: aquilo que cremos foi transmitido a nós, vem de longe, dos apóstolos! “Transmiti-vos aquilo que eu mesmo recebi”, observou São Paulo (1Cor 15,3). Cremos no testemunho de quem creu primeiro; e temos motivos bons para fazer isso! Cremos com quem já creu, os mártires, os santos, os mestres da fé ao longo da história. Cremos e temos o compromisso de continuar a transmitir hoje essa preciosa herança da fé!

Enfim, a encíclica trata das obras da fé. “A fé, sem as obras, é morta em si mesma”, já advertia São Tiago! Mas não se trata de opor as obras à fé: estas são decorrência e fruto da fé verdadeira. Crendo, nós nos colocamos na sintonia com o plano de Deus sobre este mundo e sobre a nossa vida. E então, surgem as obras da fé e cessam as obras contrárias à fé, porque são contrárias a Deus e ao seu amor!

Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo



O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão total de vida, recebe a sua força e vigor da própria criação, mas para os cristãos é elevada a uma dignidade ainda mais alta, visto ser enumerada entre os sacramentos da nova aliança.

O Matrimónio é constituído pela aliança conjugal, isto é, pelo consentimento irrevogável de ambos os cônjuges que livremente se entregam e se recebem. Esta singular união do homem e da mulher assim como o bem dos filhos exigem e requerem a plena fidelidade dos esposos e a unidade indissolúvel do vínculo matrimonial.

Pela sua própria índole natural, a instituição do Matrimónio e o amor conjugal ordenam-se à procriação e educação dos filhos, que constituem como que a sua plenitude e a sua coroa; de facto os filhos são um dom inestimável do Matrimónio e concorrem enormemente para o bem dos próprios pais.

A íntima comunhão de vida e de amor, pela qual os esposos “já não são dois mas uma só carne”, foi instituída por Deus Criador, dotada de leis próprias e envolvida por uma bênção singular, que nem o castigo do pecado original veio a destruir. Por isso este vínculo sagrado não depende da vontade do homem, mas do autor do Matrimónio, que o quis dotar de bens e fins peculiares.

Cristo Senhor, constituindo uma nova criatura e fazendo novas todas as coisas, quis reconduzir o matrimónio à sua primitiva forma e santidade, a fim de que o homem não separe o que Deus uniu; mas, para mais claramente significar a indissolubilidade da aliança matrimonial e mais facilmente a apresentar como sinal da sua aliança nupcial com a Igreja, quis elevá-la à dignidade de sacramento.

Com a sua presença, o Senhor trouxe a bênção e a alegria às bodas de Caná; mudando a água em vinho, preanunciou a hora da nova e eterna aliança: “Assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens” se apresenta como esposo da Igreja, firmando uma aliança com ela no seu mistério pascal.

Pelo Batismo, chamado precisamente o sacramento da fé, o homem e a mulher inserem-se, uma vez por todas e para sempre, na aliança de Cristo com a Igreja, de modo que a comunidade conjugal que eles formam seja associada à caridade de Cristo e dotada da virtude do seu sacrifício. Esta nova condição faz com que o Matrimónio válido dos batizados seja sempre sacramento.

Pelo sacramento do Matrimónio os esposos cristãos significam e participam no mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja; por isso, quer ao abraçar a vida conjugal, quer ao acolher e educar os filhos, ajudam-se mutuamente a crescer na santidade, e têm o seu lugar e o seu dom próprio no interior do povo de Deus.

Assim como Cristo amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela, assim, pelo sacramento do Matrimónio, o Espírito santo faz que os esposos cristãos, dotados de igual dignidade, mútua doação e indiviso amor que brota da fonte divina da caridade, se esforcem por alimentar e promover a sua união conjugal; e assim, partilhando juntamente as realidades divinas e humanas, na prosperidade e na provação, perseverem fiéis de corpo e espírito, absolutamente afastados do adultério e do divórcio.

O verdadeiro culto do amor conjugal e todo o sentido da vida familiar, sem menosprezar os outros fins do Matrimónio, tende a que os esposos cristãos se disponham, com fortaleza de ânimo, a colaborar com o amor do Criador e salvador, que

por meio deles constantemente dilata e enriquece a sua família. Assim, os esposos cristãos, confiados na divina providência e cultivando o espírito de sacrifício, dão glória ao Criador e caminham para a perfeição em Cristo, quando se desempenham do seu dever de procriar com responsabilidade generosa, humana e cristã.

Deus, que chamou os esposos ao Matrimónio, continua a chamá-los no Matrimónio. Os que casam em Cristo, procuram, em fidelidade à palavra de Deus, celebrar frutuosamente, viver retamente e testemunhar publicamente o mistério da união de Cristo e da Igreja. Este Matrimónio desejado à luz da fé, preparado, celebrado e assumido na vida quotidiana, “é unido pela Igreja, confirmado pela oblação eucarística, selado pela bênção, anunciado pelos anjos e ratificado pelo Pai... qual jugo de dois fiéis numa única esperança, numa única observância, num mesmo serviço! são irmãos que vivem juntamente, sem qualquer divisão quanto ao espírito ou quanto à carne. Mais, são verdadeiramente dois numa só carne e onde a carne é única, único é também o espírito”.



O SACRAMENTO DA ORDEM

“Aqueles de entre os fiéis que são assinalados com a sagrada Ordem, ficam constituídos em nome de Cristo para apascentar a Igreja com a palavra e graça de Deus” (L.G. 11)

“Sejam colaboradores generosos da Ordem episcopal, a fim de que a mensagem do Evangelho se propague até aos confins do mundo e as nações, congregadas em Cristo, formem o povo santo de Deus.”

(Da liturgia da ordenação)



Os Sacerdotes, escolhidos de entre os homens e constituídos em favor dos mesmos para as coisas respeitantes a Deus, para oferecerem dádivas e sacrifícios pelos pecados, convivem com os demais homens como com irmãos. Do mesmo modo, o Senhor Jesus, Filho de Deus, Homem enviado aos homens pelo Pai, viveu entre nós e quis em tudo assemelhar-se a nós seus irmãos, exceto no pecado. Assim os imitaram os santos Apóstolos; e S. Paulo, o doutor dos gentios, escolhido para pregar o Evangelho de Deus, afirma que “se fez tudo para todos, para salvar a todos”. Os Sacerdotes do Novo Testamento, pelo seu chamamento e pela sua ordenação, são segregados, de algum modo, do seio do Povo de Deus, não para dele se separarem ou de qualquer homem, mas para se consagrarem totalmente à obra para que o Senhor os assume.

Não poderiam ser ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores de uma outra vida diferente da terrena, mas também não poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas condições. O seu próprio ministério exige de um modo especial, que não se conformem a este mundo; mas em contrapartida, requer que vivam neste mundo no meio dos homens, e que, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas, e até mesmo procurem atrair as que não pertencem a este redil para que também essas oiçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só Pastor.

(Retirado: P.O. 3)

“Já não vos chamo servos mas amigos. Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto, e o vosso fruto permanecer, de sorte que tudo quanto em Meu nome pedirdes ao Pai, Ele vo-lo concederá.” (Jo. 15, 14-16)

“Todo o pontífice tomado de entre os homens, é constituído a favor dos homens, nas coisas que se referem a Deus.” (Heb. 5,1)

“Prega a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, censura e exorta com bondade e doutrina. Tu, porém, sê prudente em tudo, suporta os trabalhos, evangeliza e consagra-te ao teu ministério.” (2Tim. 4, 2-5)

PAPA FRANCISCO FALA PARA TODOS OS QUE ESTÃO EM CAMINHADA VOCACIONAL

Amados irmãos e irmãs!

Já ontem tive a alegria de vos encontrar, e hoje a nossa festa é ainda maior porque nos reunimos para a Eucaristia, no Dia do Senhor. Sois seminaristas, noviços e noviças, jovens em caminhada vocacional, vindos dos diversos cantos do mundo: representais a juventude da Igreja. Se a Igreja é a Esposa de Cristo, de certo modo vós representais o seu tempo de noivado, a primavera da vocação, o período da descoberta, do discernimento, da formação. E é um período muito belo, em que se lançam as bases do futuro. Obrigado por terdes vindo!

Hoje a Palavra de Deus fala-nos da missão. Donde nasce a missão? A resposta é simples: nasce de uma chamada – a do Senhor – e Ele chama para ser enviado. Qual deve ser o estilo do enviado? Quais são os pontos de referência da missão cristã? As leituras que ouvimos sugerem-nos três: a alegria da consolação, a cruz e a oração.

1. O primeiro elemento: a alegria de consolação. O profeta Isaias dirige-se a um povo que atravessou o período escuro do exílio, sofreu uma prova muito dura; mas agora, para Jerusalém, chegou o tempo da consolação; a tristeza e o medo devem dar lugar à alegria: «Alegrai-vos (...), rejubilai (...) regozijai-vos» – diz o Profeta (66, 10). É um grande convite à alegria.



Porquê? Qual é o motivo deste convite à alegria? Porque o Senhor derramará sobre a Cidade Santa e seus habitantes uma «cascata» de consolação, uma cascata de consolação – ficando assim repletos de consolação –, uma cascata de ternura materna: «Serão levados ao colo e acariciados sobre os seus regaços» (v. 12). Como faz a mãe quando põe o filho no regaço e o acaricia, assim o Senhor fará connosco... faz connosco. Esta é a cascata de ternura que nos dá tanta consolação. «Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei» (v. 13). Cada cristão, mas sobretudo nós, somos chamados a levar esta mensagem de esperança, que dá serenidade e alegria: a consolação de Deus, a sua ternura para com todos. Mas só podemos ser seus portadores, se experimentarmos nós primeiro a alegria de ser consolados por Ele, de ser amados por Ele. Isto é importante para que a nossa missão seja fecunda: sentir a consolação de Deus e transmiti-la! Algumas vezes encontrei pessoas consagradas que têm medo da consolação de Deus e... pobrezinho, pobrezinha delas, se amofinam porque têm medo desta ternura de Deus. Mas não tenhais medo. Não tenhais medo, o nosso Deus é o Senhor da consolação, o Senhor da ternura. O Senhor é Pai e Ele disse que procederá connosco como faz uma mãe com o seu filho, com a ternura dela. Não tenhais medo da consolação do Senhor. O convite de Isaías: «consolai, consolai o meu povo» (40,1) deve ressoar no nosso coração e tornar-se missão. Encontrarmos, nós, o Senhor que nos consola e irmos consolar o povo de Deus: esta é a missão. Hoje as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm necessidade que testemunhem a misericórdia, a ternura do Senhor, que aquece o coração, desperta a esperança, atrai para o bem. A alegria de levar a consolação de Deus!

2. O segundo ponto de referência da missão é a cruz de Cristo. São Paulo, ao escrever aos Gálatas, diz: «Quanto a mim, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (6, 14). E fala de «estigmas», isto é, das chagas de Jesus crucificado, como selo, marca distintiva da sua vida de apóstolo do Evangelho. No seu ministério, Paulo experimentou o sofrimento, a fraqueza e a derrota, mas também a alegria e a consolação. Isto é o mistério pascal de Jesus: mistério de morte e ressurreição. E foi precisamente o ter-se deixado configurar à morte de Jesus que fez São Paulo participar na sua ressurreição, na sua vitória. Na hora da escuridão, na hora e da prova, já está presente e operante a alvorada da luz e da salvação. O mistério pascal é o coração palpitante da missão da Igreja. E, se permanecermos dentro deste mistério, estamos a coberto quer de uma visão mundana e triunfalista da missão, quer do desânimo que pode surgir à vista das provas e dos insucessos. A fecundidade pastoral, a fecundidade do anúncio do Evangelho não deriva do sucesso nem do insucesso vistos segundo critérios de avaliação humana, mas de conformar-se com a lógica da Cruz de Jesus, que é a lógica de sair de si mesmo e dar-se, a lógica do amor. É a Cruz – sempre a Cruz com Cristo, porque às vezes oferecem-nos a cruz sem Cristo: esta não vale! É a Cruz, sempre a Cruz com Cristo – que garante a fecundidade da nossa missão. E é da Cruz, supremo acto de misericórdia e amor, que se renasce como «nova criação» (Gl 6, 15).

3. Finalmente, o terceiro elemento: a oração. Ouvimos no Evangelho: «Rogai ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe» (Lc 10, 2). Os trabalhadores para a messe não são escolhidos através de campanhas publicitárias ou apelos ao serviço da generosidade, mas são «escolhidos» e «mandados» por Deus. É Ele que escolhe, é Ele que manda; sim, é Ele que manda, é Ele que confere a missão. Por isso é importante a oração. A Igreja – repetia Bento XVI – não é nossa, mas de Deus; e quantas vezes nós, os consagrados, pensamos que seja nossa! Fazemos dela... qualquer coisa que nos vem à cabeça. Mas não é nossa; é de Deus. O campo a cultivar é d'Ele. Assim, a missão é sobretudo graça. A missão é graça. E, se o apóstolo é fruto da oração, nesta encontrará a luz e a força da sua acção. De contrário, a nossa missão não será fecunda; mais, apaga-se no próprio momento em que se interrompe a ligação com a fonte, com o Senhor.

Queridos seminaristas, queridas noviças e queridos noviços, queridos jovens em caminhada vocacional! Há dias, um de vós, um dos vossos formadores, dizia-me: *évangéliser on le fait à genoux*, a evangelização faz-se de joelhos. Ouvi bem: «A evangelização faz-se de joelhos». Sede sempre homens e mulheres de oração! Sem o relacionamento constante com Deus a missão torna-se um ofício. Mas que trabalho fazes? Trabalho de alfaiate, de cozinheira, de padre... Trabalhas de padre, de freira? Não. Não é um ofício, é diverso. O risco do activismo, de confiar demasiado nas estruturas, está sempre à espreita. Se olharmos a vida de Jesus, constatamos que, na véspera de cada decisão ou acontecimento importante, Ele Se recolhia em oração intensa e prolongada. Cultivemos a dimensão contemplativa, mesmo no turbilhão dos compromissos mais urgentes e pesados. E quanto mais a missão vos chamar para ir para as periferias existenciais, tanto mais o vosso coração se mantenha unido ao de Cristo, cheio de misericórdia e de amor. Aqui reside o segredo da fecundidade pastoral, da fecundidade de um discípulo do Senhor! Jesus envia os seus sem «bolsa, nem alforge, nem sandálias» (Lc 10, 4). A difusão do Evangelho não é assegurada pelo número das pessoas, nem pelo prestígio da instituição, nem ainda pela quantidade de recursos disponíveis. O que conta é estar permeados pelo amor de Cristo, deixar-se conduzir pelo Espírito Santo e enxertar a própria existência na árvore da vida, que é a Cruz do Senhor.

Queridos amigos e amigas, com grande confiança vos confio à intercessão de Maria Santíssima. Ela é a Mãe que nos ajuda a tomar as decisões definitivas com liberdade, sem medo. Que Ela vos ajude a testemunhar a alegria da consolação de Deus, sem ter medo da alegria; Ela vos ajude a conformar-vos com a lógica de amor da Cruz, a crescer numa união cada vez mais intensa com o Senhor na oração. Assim a vossa vida será rica e fecunda!

(Homilia do Santo Padre Francisco, 7 julho 2013. Retirado de: www.vatican.va)

O NOSSO GRUPO...

Nome: Rainha dos Anjos

Data de criação: 07 maio 1991

Paróquia: Stª Maria de Gulpilhares

Freguesia: Gulpilhares

Dia de Oração: Terça-feira



1 – Como nasceu o vosso grupo?

Veio residir para a freguesia de Gulpilhares um casal que, ao apresentar-se ao nosso Pároco, Revº Sr. Pr. António Alves de Sousa, manifestou o desejo e disponibilidade para iniciar na paróquia um grupo de oração, na linha do Renovamento Carismático Católico. O nosso pároco, que já tinha conhecimento do Renovamento, tendo estado em Bruxelas convivera com o Cardeal Suennen e sobretudo com o Pr. Tom Forrester, redentorista, naquela altura Diretor Mundial do R.C.C., concordou e, assim, naquele dia 07 de maio do ano de 1991, o grupo reuniu pela primeira vez com a participação do casal e dos seus filhos. Foi crescendo, crescendo, mas agora após alguns momentos difíceis, o grupo é pequenino.

2 – Como surgiu o nome do vosso grupo?

O casal fundador morava junto a uma capelinha conhecida como de “Nª Srª dos Anjos” e daí o nome de “Rainha dos Anjos”.

3 – Em média quantas pessoas participam na oração?

Em média, participam na oração cerca de 12 pessoas.

4 – Têm apoio habitual do pároco?

Sim, temos o apoio total do nosso Pároco. Apesar de não participar na oração, preside na primeira terça-feira do mês à adoração ao SS. Sacramento e celebra a Eucaristia Dominical vespertina, uma vez por mês, animadas pelo Grupo de Oração.

5 – Qual a reação dos outros grupos apostólicos da sua paróquia relativamente ao vosso grupo de oração?

Nos primeiros anos, a reação não foi agradável, e o relacionamento foi um pouco difícil. Atualmente há uma boa colaboração entre os grupos: o grupo de oração participa em iniciativas dos outros grupos e também recebe a participação dos irmãos, nomeadamente na Hora de Adoração, na Eucaristia Mensal, bem como na celebração do dia de Aniversário, que há cinco anos é aniversário conjunto com três grupos de paróquias vizinhas.

6 – Em que ponto da oração carismática sentem mais facilidade? E Mais dificuldade?

Há facilidade por parte de quase todo o grupo na animação e louvor, apesar de alguns irmãos, quase habitualmente, não louvarem, testemunharem ou partilharem a ação de Deus nas suas vidas. O louvor em línguas tem ainda menos participação.

7 – As assembleias mensais ajudam em algum aspeto o próprio grupo?

As assembleias mensais são uma dádiva e graça de Deus, pelos ensinamentos, por todos os momentos que nelas se vivem. Seria nosso desejo que todos os irmãos do grupo de oração pudessem estar sempre presentes.

PAI NOSSO MEDITADO...

Se na minha vida não ajo como filho de Deus,
fechando meu coração ao amor.

Será inútil dizer :

PAI NOSSO

Se os meus valores são representados pelos bens da terra.

Será inútil dizer :

QUE ESTAIS NO CÉU

Se penso apenas em ser cristão por medo,
superstição e comodismo.

Será inútil dizer :

SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME

Se acho tão sedutora a vida aqui,
cheia de superficialidades e futilidades.

Será inútil dizer :

VENHA A NÓS O VOSSO REINO

Se no fundo o que eu quero mesmo é que,
todos os meus desejos se realizem.

Será inútil dizer :

SEJA FEITA A VOSSA VONTADE**ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU**

Se prefiro acumular riquezas,
desprezando os meus irmãos que passam fome.

Será inútil dizer :

O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE.

Se não me importo em ferir, injustiçar, oprimir , e
magoar os que se atravessam no meu caminho.

Será inútil dizer :

**PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS,
ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS
A QUEM NOS TEM OFENDIDO**



Se escolho sempre o caminho mais fácil,
que nem sempre é o caminho de Cristo.

Será inútil dizer :

E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO

Se por minha vontade procuro
os prazeres materiais
e tudo o que é proibido me seduz.

Será inútil dizer :

LIVRAI-NOS DO MAL...

Se sabendo que sou assim,
continuo a omitir-me
e nada faço para me modificar

Será inútil dizer :

AMÉM.

CANTINHO DO LEITOR

Aliança



Por tudo quanto sei, mas não sabia,
(Feliz de quem um dia ainda o souber!)
Por essa estrela branca em noite fria!
Anunciação, talvez, de poesia...
Por ti, minha mulher!

Por esse homem que sou, mas que não era,
Vendo na morte a vida que vier!
Por teu sorriso em minha vida austera.
Anunciação, talvez de Primavera...
Por ti, minha mulher!

Pelo caminho humano a que vieste
Com fé no amor. — Seja o que Deus quiser!
Por certa fonte abrindo a rocha agreste...
Por esse filho loiro que me deste!
Por ti, minha mulher!

Pelo perdão que espalho aos quatro ventos,
De antemão cego ao mal que me trouxe
Despeitos surdos, pérfidos momentos;
Pelos teus passos, junto aos meus, mais lentos...
Por ti, minha mulher!

Nada mais digo. Nada. Que não posso!
Mas dirá mais do que eu quem não disser
Como eu?: — Avé-Maria... Padre-Nosso...
Por tudo quanto é meu (e que é tão nosso!)
Por ti, minha mulher!



*Pedro Homem de Mello, in
"Adeus"*

Senhor, findou-se a noite. . .

Senhor, findou-se a noite. . . É dia! É dia!
Bate-me o Sol nos olhos! Madrugada!
Quanta folha no chão, morta, calada,
Como depois de austera ventania! . . .

Senhor, findou-se a noite!. . . É dia! É dia!
Na árvore despida, abandonada,
Cantam as andorinhas de alegria
O despertar da nova Madrugada!!

Senhor, longe de Ti, que int'ressa a vida?!
Noite de um sonho, uma ilusão perdida
Que busca, busca sempre e nunca espera...

Senhor, Senhor, sou Teu! Toma-me inteiro!
Fugiu a noite! Foi-se o cativoiro!
É madrugada! É vida! É primavera!!

Cassiano Guimaraes, in "Manhã de Aleluia"



Senhor

SENHOR, eu quero ser
Nas Tuas mãos
Uma peneira...
E leva-me, Senhor, de eira em eira...
Que ela a todos dê branca farinha
E fique só com palha, coitadinha...
De eira em eira..., de irmão a irmão...,
Criva, Senhor, meu pobre coração.
Peneira-o bem, Senhor, peneira-o bem,
Que a todos dê por Ti tudo o que tem.

Se nem lugar me derem nas choupanas,
Se em paga me espetarem de praganas,
Só Te peço que não deites ao chão
A peneira com que tens crivado pão.
Que maior paga enfim me podes dar
Que sem prémio algum Te qu'rer amar?...
E assim... sofro, Senhor, e em gozo abundo
Por nada achar em paga neste mundo !...

Cassiano Guimaraes, in "O Mundo em Mim"



A NÃO ESQUECER...

III Aniversário do Grupo de Jovens RCC

24 de agosto na Igreja dos Congregados, Porto.

11.00hr Eucaristia de Ação de Graças

Organização

Grupo de Jovens RCC Porto

Casa Diocesana de Vilar
Rua Arceidiago Van Zeller, 50
4050-621 - Porto

joovens@rccporto.com
<http://www.rccporto.com>